

DA VIOLÊNCIA

Hannah Arendt

A violência histórica

Segundo Arendt, há um consenso que transcende as ideologias de esquerda e direita quanto ao fenômeno da violência e o estado. Onde há estado, inevitavelmente haverá violência. Pensando desta forma, a violência pode ser traduzida como “A mais flagrante manifestação do poder”.

O apoio popular

Arendt destaca a importância do apoio popular para firmar o poder. O poder de um governante é do tamanho do seu apoio popular. Se o povo começa a questionar o seu líder, o Estado perde gradativamente o poder. Por conta disso, Arendt concorda com Montesquieu ao dizer que uma tirania tem enorme capacidade violenta e pouco poder.

A necessidade de distinção de termos

Arendt defende fortemente a desnaturalização do senso comum acerca do termo “poder”. Ela então, utiliza-se de diversos termos para auxiliar a compreensão do tema tratado. Os termos são: “força”, “autoridade” e “violência”.



O que é o poder?

Hannah Arendt caracteriza o poder da seguinte forma: “O poder corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo”. Então, o poder, para Arendt, estaria separado fundamentalmente do indivíduo, podendo ser realizado apenas por um grupo. Ao falar sobre alguém “poderoso”, na realidade não se fala de poder verdadeiro. Mesmo que seja alguém que represente os interesses de um grupo (um presidente, por exemplo), ao caracterizá-lo como um “homem poderoso”, não se faz menção ao seu poder, mas ao seu “vigor”. O vigor, é essencialmente um mérito individual. Uma pessoa vigorosa se destaca das demais de um grupo, sendo assim, o grupo pode acabar se tornando hostil ao homem vigoroso, pois como fala Arendt “Está na natureza de um grupo de seu poder voltar-se contra a independência, a qualidade do vigor individual”.





A questão da revolução

É popular a concepção que o monopólio estatal da força e a superior capacidade armamentista do Estado faz com que revoluções se tornem praticamente impossíveis. Mas mesmo assim, várias revoluções aconteceram no Século XX. Seriam, então, essas revoluções financiadas pelo exterior? Ou contariam os rebeldes com ajuda de super-heróis? Não é bem assim.

A revolução não é simplesmente o levante armado. A revolução tem como preceito anterior a qualquer arma, o seguinte aspecto: a desobediência. Se qualquer grupo rebelde tentasse derrubar um governo valendo-se apenas das armas que tem, a revolução não teria sucesso algum. O sucesso de uma revolução só pode ser atingido se as pessoas desobedecem o governo, se o governo já está se desintegrando e as pessoas se questionam se ele deveria continuar a governando. Apenas a partir deste momento pode se falar em revolta armada, pois a partir deste momento, a revolução já está na mente popular, os rebeldes já vão ter angariado recursos e pessoal e poderá haver um embate que não resulte em aniquilação.

O que é a força?

O termo força é muito confundido com a violência. A força que é usada para descrever atos coercitivos ou simplesmente violentos, deveria, segundo Arendt, caracterizar a liberação de energia por meio de fenômenos sociais ou da natureza. Sendo assim, não é correto dizer, por exemplo, que um Estado tailandês usou a força para executar traficantes de drogas presos. Seria correto dizer que a força do furacão Katrina devastou Nova Orleans ou que a força das circunstâncias fez com que a nova política fosse aprovada.

O que é a autoridade?

A autoridade é a relação de obediência inquestionável de alguém a uma outra pessoa vista como autoridade. As relações de autoridade podem ser encontradas tanto no âmbito familiar (um pai que tem a obediência de seu filho apenas por ser seu pai) ou em âmbitos mais abrangentes, como o meio político (um rei absolutista). O mais importante da relação de autoridade é perceber que o que a caracteriza é a obediência sem persuasão, questionamento ou uso da violência. A autoridade tem de ser, antes de tudo, respeitada para que se possa possível exercer a dominação sem necessitar dos meios



anteriormente mencionados. Por conta disso, a chacota e o desprezo são as formas mais seguras e garantidas de se acabar com uma autoridade.

O que é a violência?

A violência, pelo seu caráter instrumental, vai se distinguir dos outros conceitos e ajudar-nos a entender o vigor. A violência é um meio, um instrumento, pelo qual vai existir o que Hannah Arendt caracteriza como “multiplicação do vigor natural”.

A violência é instrumental

Não existe e nem nunca existiu algum governo que se baseasse apenas na violência. É seguro afirmar isso, pois não é possível um governo, por mais tirano e totalitário que seja, basear-se completamente na violência. Até o mais tirano governante precisa de uma base de poder, seja uma polícia secreta ou rede de informantes. A dominação sempre vai requerer um sistema no qual se apoiar, pois não é possível a nenhum homem sozinho estabelecer uma relação de domínio e utilizar-se de forma eficaz de meios coercitivos sem o suporte de outros homens.

A violência é destrutiva

É necessário entender que a violência pode vir a destruir o poder, pois é isso que a violência faz: destruir. Porém, a violência nunca vai ser capaz de gerar o poder, exatamente pelo motivo de a violência não poder gerar nada, apenas destruir. Revoluções que combatem governos poderosos podem ser feitas até de forma inteiramente pacífica, como é o caso da revolução de Gandhi. Mas, governos pouco poderosos e que tem alta capacidade violenta nunca deixariam tal revolução acontecer. Ao invés da descolonização, haveria massacre e submissão. E o que viria a seguir, após tal massacre, seria o que Hannah Arendt vai classificar como “Regime do Terror”. Este é um estado de violência absoluta e generalizada onde, diferentemente das ditaduras e tiranias, ninguém está a salvo, pois não se é tolerado nenhuma forma de poder, nem mesmo qualquer poder que possa ser exercido pelos amigos do detentor da violência. Este Regime do Terror seria uma situação análoga à Rússia de Stalin, onde o carrasco de ontem podia ser facilmente a vítima de hoje.



Contexto histórico: Hannah Arendt

Hannah Arendt (Linden, Alemanha, 14 de outubro de 1906 – Nova Iorque, Estados Unidos, 4 de dezembro de 1975) foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX.

A privação de direitos e perseguição na Alemanha de pessoas de origem judaica a partir de 1933, assim como o seu breve encarceramento nesse mesmo ano, fizeram-na decidir emigrar. O regime nazista retirou-lhe a nacionalidade em 1937, o que a tornou apátrida até conseguir a nacionalidade norte-americana em 1951. Trabalhou, entre outras atividades, como jornalista e professora universitária e publicou obras importantes sobre filosofia política. Contudo, recusava ser classificada como "filósofa" e também se distanciava do termo "filosofia política"; preferia que suas publicações fossem classificadas dentro da "teoria política".